

A ESCUTA E O DIÁLOGO ENTRE OS POEMAS DE FLORBELA ESPANCA E ADÍLIA LOPES.

Hellen Oliveira de Menezes¹

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo analisar comparativamente os poemas das escritoras portuguesas Florbela Espanca e Adília Lopes, com o intuito de observar um possível elo entre as autoras. Analisaremos os poemas dos livros *Charneca em Flor* (1931) de Florbela Espanca e *Florbela Espanca Espanca* (1999) de Adília Lopes. Parte-se da hipótese de que, por meio do diálogo, ocorre um movimento de escuta entre os *eus* femininos das autoras. Jean-Luc Nancy afirma que escutar é estar à espreita de um sujeito. Levando isso em consideração, podemos dizer que a escritora/leitora Adília Lopes está à espreita do sujeito florbeliano, de modo que a autora contemporânea, nos seus poemas, desloca, transforma e também reforça o *eu* feminino de Florbela Espanca. Essa análise utiliza o conceito de tradição de T. S. Eliot, que entende que o passado é constantemente construído e modificado pelo presente, possibilitando novas leituras dos clássicos, mas também reafirmando o espaço e a voz original deles. Utilizaremos o aporte teórico de Julia Kristeva e de Gérard Genette. Esperamos contribuir com uma possível leitura de formação de elos entre as escritoras e seus *eus* femininos por meio do diálogo e da escuta. Além disso, discutir a importância da escrita de autoria feminina.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Diálogo; Escuta; Florbela Espanca; Adília Lopes.

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Unifesp, hellen.oliveira@unifesp.com;

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma comunicação conferida ao XXVII Congresso Internacional da Abraplip. Essa apresentação foi um recorte da dissertação em andamento, intitulada “Florbela Lopes Leal: Por um encontro entre Florbela Espanca, Adília Lopes e Filipa Leal”.

Dessa forma, mostramos na apresentação um breve resumo sobre como a escuta e o diálogo estão presentes na construção de um possível elo entre os *eus* femininos das escritoras portuguesas Florbela Espanca e Adília Lopes e talvez, até mesmo entre elas.

A escrita feminina do início do século XX esteve à margem da sociedade patriarcal portuguesa, no entanto Florbela Espanca foi uma poetisa que rompeu com o patriarcalismo a partir de poemas sobre a dor, a melancolia, o amor e o erotismo. Quando atravessamos os seus livros desde o manuscrito *Trocando olhares* (1985) até *Charneca em Flor* (1931), observamos a tentativa da voz e do corpo feminino de se libertar das amarras sociais impostas pelos homens. Essa voz que grita nos versos “Eu quero amar, amar perdidamente!”, em seu último livro, insere justamente esse corpo e essa voz feminina com um certo tom libertário. Anos depois, especificamente, em 1991, a escritora portuguesa Adília Lopes escreve o livro *Florbela Espanca espanca*, e de certa forma, transforma o amar de Florbela em foder no poema “Eu quero foder”. Portanto, a partir do poema “Amar!” de Florbela e do poema “Eu quero foder” de Adília Lopes essa comunicação têm dois objetivos, sendo eles: analisar um movimento de escuta feminina entre os poemas citados dos livros *Charneca em Flor* (1931) de Florbela Espanca e *Florbela Espanca espanca* (1999) de Adília Lopes. Além disso, analisar o poema como espaço de escuta, revolução, reivindicação e metamorfose do *eu*.

METODOLOGIA

A metodologia para a realização do presente artigo segue um levantamento bibliográfico que dê alicerce para tópicos específicos como: literatura feminina, tradição, escuta e intertextualidade. Para isso, utilizaremos a seguinte base teórica: T. S Eliot (1989), Julia Kristeva (2005), Gérard Genette (2010) e Jean- Luc Nancy (2014). A partir destas referências bibliográficas apresentamos as relações que atentam a proposta da comunicação, analisar a escuta e o diálogo feminino a partir do momento

que Adília Lopes no livro *Florbela Espanca Espanca* (1999) desloca o *eu* florbeliano para o poema “eu quero foder foder/ achadamente”.

Para atingir os objetivos, a pesquisa contou com métodos como: leituras, resumos e fichamentos. A pesquisa teve como linha de estudo a formação e a modificação do *eu* feminino construído nos poemas de Florbela Espanca e Adília Lopes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir de T. S Eliot (1989), entende-se que o passado possa ser modificado no presente, como afirma nesse trecho: “[...] o passado deva ser modificado pelo presente tanto quanto o presente esteja orientado pelo passado. [...] (ELIOT, 1989, p. 40).” Por meio dessa discussão, nota-se que o passado está sempre sendo reescrito, apropriado e citado. Nesse sentido, na discussão a seguir observa-se essa tentativa de analisar os poemas “Amar!” da poetisa portuguesa Florbela Espanca com o poema “Eu quero foder” de Adília Lopes, a partir da lógica do diálogo e da escuta, de modo a analisar como a Adília dá continuidade para essa tradição.

Além disso, por meio da intertextualidade nota-se que um texto ou mais dialogam entre si criando um mosaico de citações, como Julia Kristeva afirma nesse trecho: “[...] Todo texto se constrói como mosaico de citações” (KRISTEVA, 2005, p. 142). Observa-se que “todo texto é absorção e transformação de um outro texto[...]” (*idem*, p. 142), em outras palavras, todo texto nasce de um anterior, mas sempre lido de outra forma, pois todo texto passa de um leitor para um escritor e a forma como essa leitura ocorre transforma o texto do passado. Nesse sentido, Gérard Genette define a intertextualidade pontuando algumas diferenças, para o autor, ela é restritiva, como observa-se a seguir:

[...] como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro. Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação [...]; sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio [...], que é o empréstimo não declarado, mas ainda literal; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro [...] (GENETTE, 2010, p. 14, grifos do autor)

A partir da intertextualidade, pode-se dizer que todo texto passa, em certa medida, por um leitor que transforma o texto e o desloca para um outro livro em outro contexto. Dessa maneira, essa forma de intertextualidade, talvez, possa ser chamada de “escuta”, mas essa discussão/ resultado será discutido mais adiante. Assim, Jean-Luc Nancy (2014) define o termo “escuta” como:

Conseqüentemente, a este núcleo de sentido onde se combinam o uso de um órgão sensorial (o ouvido, a orelha, *auris*, palavra que dá a primeira parte do verbo *ausculture*, “prestar ouvidos”, “escutar atentamente”, de onde provém “escutar”) e uma tensão, uma intensão e uma atenção que marca a segunda parte do termo. Escutar é dar ouvidos – expressão que evoca uma mobilidade singular, entre os aparelhos sensoriais, do pavilhão do ouvido-, é uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietude. (NANCY, 2014, p. 15-16)

Por meio dessa base teórica analisaremos comparativamente os poemas “Amar” de Florbela Espanca com o poema “Eu quero foder foder” de Adília Lopes, entrecruzando os conceitos sobre tradição, intertextualidade e escuta para entender se a partir do diálogo entre os poemas ocorre um movimento de escuta entre os poemas e, talvez, entre as autoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do conceito de tradição de T.S Eliot, observa-se que quando o presente está orientado pelo passado há uma continuidade dessa escrita anterior. Com isso, nota-se que Adília Lopes utiliza-se da tradição para escrever os seus poemas. Dessa forma, nota-se que, em certa medida, é por meio da tradição que a poetisa altera o passado no presente, pois desloca o *eu* feminino de Florbela Espanca para o livro *Florbela Espanca espanca* (1999). De acordo com T. S. Eliot (1989), a literatura possui uma forma coesa e harmônica e quando uma nova obra é inserida essa forma é alterada e ajusta-se a fim de que essa harmonia volte. Sendo assim, o crítico afirma que: “[...] o passado deva ser modificado pelo presente tanto quanto o presente esteja orientado pelo passado. [...]” (ELIOT, 1989, p. 40). Assim, Adília convoca e altera Florbela e, ao fazer isso, curiosamente confirma o lugar transgressor da autora do início do século XX.

Nesse sentido, pode-se dizer que a escrita de Adília Lopes está, de certa forma, inserida nessa concepção que modifica o passado no presente, de modo que a voz feminina ganhe mais potência e mais liberdade. Dessa forma, essa escrita que trabalha entre o presente e o passado transformou e ampliou a voz de Florbela Espanca por meio da escrita do livro *Florbela Espanca espanca* (1999). Além disso, para o leitor (a) fica evidente a autonomia, a condição feminina e a expressividade feminina criada a partir de Florbela Espanca.

De acordo com Anna Klobucka (2009), a escrita adiliana utiliza a intertextualidade para criar diálogos, – nesse artigo conversaremos especificamente com Florbela Espanca – justamente como uma forma de amplificar a voz feminina, mas também fazer uma construção feminista, como pode-se observar nesse trecho:

[...] o passado (e o presente) de discriminação parecem-me abundantemente visíveis na sua escrita, sem que a sua inegável recusa do registro épico lhe retire o potencial – que pelo menos na minha perspectiva de leitura ela claramente realiza – de pôr em prática actos tanto de resistência como de construção feminista, sendo que é precisamente no campo da intertextualidade que se encontram muitas e interessantes oportunidades para tal. (KLOBUCKA, 2009, p. 312)

Quando Florbela escreveu o poema “Amar!”, essa voz feminina já era dotada de força, subversiva – para o patriarcado português no início do século XX- e já cantava sobre a liberdade da voz e do corpo feminino. Porém, a partir do poema “eu quero foder” de Adília Lopes, há uma amplificação dessa voz feminina com um certo tom reivindicatório. Adília desloca o *eu* florbeliano para o seu poema, ou seja, dá continuidade para essa voz feminina, bem como transforma e confirma a voz e a escrita de Florbela Espanca.

Nesse sentido, Florbela escreve a seguinte estrofe: **“Eu quero amar, amar perdidamente! / Amar só por amar: Aqui... além.../** Mais Este e Aquele, o Outro e toda gente.../ Amar! Amar! E não amar ninguém! (ESPANCA, 2016, p. 230, grifos nossos). Observa-se que nessa estrofe, o *eu* florbeliano mostra essa liberdade de amar toda a gente, mas também há a possibilidade de amar ninguém também. Com essa estrofe pode-se analisar que Florbela Espanca afirma um corpo e uma voz feminina em seus poemas, um *eu* feminino que canta pela liberdade que foi tão cercada pelo patriarcalismo português do início do século XX. Por outro

lado, Adília Lopes desloca esse *eu* florbeliano e transforma o “amar” em “foder” e o “perdidamente” em “achadamente”, como podemos observar no poema a seguir:

**Eu quero foder foder
achadamente**

se esta revolução
não me deixa
foder até morrer
é porque
não é uma revolução
nenhuma
a revolução
não se faz
nas praças
nem nos palácios
(essa é a revolução
dos fariseus)
a revolução
faz-se na casa de banho
da casa
da escola
do trabalho
a relação entre
as pessoas
deve ser uma troca
hoje é uma relação
de poder
(mesmo no foder)
a ceifeira ceifa
contente
ceifa nos tempos livres
(semana de 24x7 horas já!)
a gestora avalia
a empresa
pela casa de banho
e canta
contente
porque há alegria

no trabalho
o choro do bebê
não impede a mãe
de se vir
a galinha brinca
com a raposa
eu tenho direito
de estar triste
(LOPES, 2009, pp. 376-377, grifos nossos)

Nota-se que Adília Lopes desloca o *eu* florbeliano para outro contexto, ou seja, um contexto de revolução e de reivindicação. Além disso, mostra que a revolução se faz em todos os espaços: “a revolução /faz-se na casa de banho/da casa/da escola/do trabalho”. Ademais reivindica o direito que Florbela sempre lutou, ou seja, o “direito de estar triste”. Observa-se que esse direito aparece com uma certa constância nos poemas florbelianos. Além disso, essa retomada do poema adiliano para a tristeza também aparece nos poemas de Florbela, como podemos observar na última estrofe do poemas “Amar!” de Florbela: “E se um dia hei de ser pó, cinza e nada/ Que seja a minha noite uma alvorada, / Que me saiba perder... pra me encontrar...” (ESPANCA, 2016, p. 230, grifos nossos). Vale ressaltar que o sentimento de estar sempre perdida nos poemas de Florbela, Adília Lopes ao deslocar esse *eu* florbeliano o coloca como “achadamente”, ou seja, esse *eu* encontra-se “achadamente” no poema adiliano.

Nessa direção, entende-se que quando o leitor desloca a sua leitura para outro texto, em certa medida, há uma “intensificação”, um “cuidado”, uma “curiosidade” e uma “inquietação”, como aponta Jean Luc –Nancy: “Escutar é dar ouvidos – expressão que evoca uma mobilidade singular, entre os aparelhos sensoriais, do pavilhão do ouvido-, é uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietação. (NANCY, 2014, p. 15-16). Em outras palavras, há uma escuta que passa de um leitor (a) para um escritor (a). Com isso, pode-se dizer que Adília desloca o *eu* florbeliano, porque, de certa forma, há uma “intensificação”, um “cuidado”, uma “curiosidade” e uma “inquietação” de leitora e escritora.

Diante disso, Jean Luc- Nancy (2014) afirma que quando se está à escuta, está à espreita de um sujeito, ou seja, todo(a) leitor(a)/ escritor(a) está à espreita do outro(a). Dessa forma, o texto, de certa forma, torna-se

uma amplificação do outro, mas também de si, - quem lê e escreve - como observa-se nesse trecho:

Sempre que se está à escuta, está-se à espreita de um sujeito, o (ele) que se identifica ressoando de si a si, em si e para si, fora de si consequentemente, ao mesmo tempo o mesmo e outro que não ele, um como eco do outro, e este eco como o próprio som do seu sentido. Ora, o som do sentido é como ele se reenvia ou como se ele se envia ou se endereça, e por conseguinte como faz sentido. (NANCY, 2014, p. 23)

Com isso, pode-se dizer que os poemas de Florbela Espanca passam pela *leitora-Adília* para a *escritora-Adília* por meio de um movimento de escuta, de modo que a poetisa portuguesa amplifica a voz do *eu* florbeliano, mas também por meio da tradição que consegue reverberar a voz de Florbela Espanca por muito tempo. Dessa forma, é como se Adília refizesse o corpo do *eu* florbeliano e de Florbela no corpo do texto, nesse aspecto, Zumthor (2007) afirma que: “A leitura de um texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa, escuta, refaz em corpo e em espírito o percurso traçado pela voz do poeta.” (ZUMTHOR, 2007, p.87). Nesse sentido, Adília não só refaz esse percurso traçado pela Florbela, mas também o coloca de forma deslocada e modificada no corpo do seu próprio poema por meio da escuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os apontamentos sobre tradição, intertextualidade e escuta, nota-se que Adília Lopes exalta a liberdade feminina, em que o “amor” do poema de Florbela pode ser o “foder”. Esse movimento de deslocamento do *eu-lírico* que Adília possibilita, nos provocam outras questões, como: “Esse deslocamento que Adília promove poderia ser considerado um movimento de escuta?”, esta pergunta nos faz refletir que este deslocamento nos provoca a entender que a literatura pode, em certa medida, ser coletiva, ou seja, este processo de convocar, alterar e trazer para modernidade, o qual exalta uma escrita, que é realizada por mulheres, nos mostra uma criação de elo.

Portanto, essa discussão que parte do movimento de escuta ainda está sendo analisado por meio da pesquisa da dissertação em andamento, mas nota-se que, em certa medida, a leitura de um poema passa pelo leitor que transforma e desloca o *eu-lírico* por meio da escuta. Uma

questão que podemos deixar para refletir também é: “A escuta pode ser considerada uma forma de intertextualidade?”.

REFERÊNCIAS

ELIOT, T.S. Tradição e Talento individual. In: _____. **Ensaaios**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

ESPANCA, Florbela. Charneca em Flor. In: **Poesias: Obras completas**. Org: Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento. São Paulo: Editora LierArsLtda, 2016, v. 1.

GENETTE, Gérard. **Palimpsesto**: a literatura de segunda mão. Tradução: Erika Viviane, Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda, Miriam Vieira. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KLOBUCKA, Anna M. **O formato mulher**: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa. Coimbra: Editora Angelus Novus, 2009.

LOPES, Adília. **Dobra**. Lisboa: Assírio&Alvim, 2009.

NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Tradução: Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Edições Chão Feira, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenirich São Paulo: CosacNaify, 2007.